

AS MARCAS CULTURAIS DOS LUGARES NA MEMÓRIA DOS ANCIÃOS KAINGANG

Fernanda Machado Dill¹ e Vanessa Goulart Dorneles²

Resumo

Este artigo trata da importância do resgate da memória dos anciãos indígenas Kaingang e da valorização dos saberes dessa geração para o desenvolvimento de práticas culturais e criação de lugares que valorizem o modo de viver Kaingang na Aldeia Kondá. A pesquisa foi construída com base nos relatos de história oral e na observação participante durante o período de preparo e acontecimento da semana cultural. A partir da inclusão dos idosos em atividades e práticas culturais cotidianas, a comunidade resgata a memória, valoriza a sabedoria anciã, aproxima as gerações e dissemina através da oralidade, valores tradicionais, criando momentos e espaços que contribuem na construção das referências culturais e identitárias para esta população na contemporaneidade.

Palavras-chave: arquitetura indígena, anciãos Kaingang, práticas culturais, identidade cultural, *behavior settings*.

THE CULTURAL MARKS OF PLACES IN THE MEMORY OF THE KAINGANG ELDERS

Abstract

This paper deals with valuing the memory recovery of Kaingang indigenous elders and valuing the knowledge of this generation for the development of cultural practices that value the Kaingang way of life in Aldeia Kondá. The research was based on oral history reports and participant observation during the preparation period and the cultural week. Based on the inclusion of the elderly in daily cultural activities and practices, the community rescues memory, values elderly wisdom, brings generations together and disseminates traditional values through orality, creating moments and places that contribute to the construction of cultural and identity references for this population in contemporary times.

Keywords: indigenous architecture, Kaingang elders, cultural practices, cultural identity, behavior settings.

Introdução

O aumento da expectativa de vida da população traz à tona a necessidade de reflexão acerca do acesso às práticas cotidianas ligadas à qualidade de vida, principalmente para idosos. Viver com qualidade inclui não apenas o cuidado físico, mas também aspectos relacionais e de respeito às diversidades. A maneira como cada comunidade constrói as relações entre as diferentes gerações, pode apontar caminhos para um convívio mais equilibrado entre elas, além de demonstrar as bases que alicerçam essa sociedade e sua cultura.

Exemplo dessa construção, o povo indígena Kaingang se caracteriza pela tradição oral e por isso, a memória dos anciãos, seus conhecimentos e experiências são valorizados no grupo e fazem com que estes detenham um status de liderança e respeito na comunidade. A partir da inclusão dos idosos em atividades e práticas culturais cotidianas, a comunidade resgata a memória, valoriza a sabedoria anciã, aproxima as gerações e dissemina através da oralidade, valores tradicionais, criando momentos e lugares que contribuem na construção das referências culturais e identitárias para esta população na contemporaneidade. Essa construção endógena favorece a afirmação desse modo de viver específico frente à sociedade não indígena do entorno. As experiências vividas por idosos da própria comunidade colaboram na escrita de sua história, auxiliam no planejamento e construção de espaços culturais e definem a lógica cultural do grupo na atualidade.

A contemporaneidade é caracterizada por mudanças sociais, econômicas, tecnológicas e espaciais, com implicações para os modos de ser dos sujeitos e suas formas de interagir com os lugares, com as pessoas e com a passagem do tempo. É latente a necessidade de os espaços abraçarem a diversidade humana, seja ela física, geracional ou cultural. Edificações, praças, ruas e cidades tornam-se estruturas que transcendem suas características espaciais e se constituem como palco para diversas interações humanas e marcam a vida de seus usuários criando memórias que constroem sua identidade ao longo da vida.

Na interação com o espaço, diferentes grupos étnicos constroem significações e relações, que podem, por influência do lugar amenizar ou reforçar fronteiras étnicas (TUAN, 1983). Nesse sentido, este artigo objetiva discutir a valorização dos anciãos nas comunidades indígenas Kaingang, como uma estratégia de afirmação e continuidade cultural para a Aldeia Kondá, localizada no município de Chapecó, no oeste do estado de Santa Catarina.

A comunidade que constitui a Aldeia Kondá foi desapropriada de seu território de origem, localizado no centro da cidade de Chapecó e atualmente situa-se na localidade da Água Amarela, na área rural do município. Com essa mudança de local, muito de suas identidades sofreram alterações e adaptações para uma nova realidade social e espacial. As transformações, que acontecem em um processo ininterrupto ao longo dos anos, devem-se parte em função do novo contexto físico e parte pelas relações interétnicas com a sociedade não indígena do entorno.

Assim, este trabalho visa contribuir com o registro para construção da identidade cultural do Povo Kaingang da Aldeia Kondá a partir das manifestações espaciais presentes na memória dos anciãos. Justifica-se sob vários aspectos: primeiro, no que tange o resgate e socialização da memória dos anciãos sobre a história da comunidade, suas práticas culturais tradicionais e a construção de espaços que se utilizam do saber fazer tradicional para afirmar valores culturais. Segundo: considera-se a inclusão dos anciãos no cotidiano da comunidade como estratégia de valorizar a sabedoria dos mais velhos e mantê-los ativos física e mentalmente.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Pós Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ-UFSC).

² Universidade Federal de Santa Maria, Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Metodologia

Este estudo, que faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre as relações entre espaço e cultura em comunidades Kaingang (DILL, 2019), adota a abordagem qualitativa que tem foco na compreensão e explicação da dinâmica das relações socioespaciais do povo Kaingang da Reserva Indígena Aldeia Kondá. Essa análise é construída a partir da memória dos anciãos e da observação dos lugares e práticas culturais alicerçadas da tradição oral, característica desse grupo. Para tanto, utilizam-se tanto a história oral quanto a observação participante como principais estratégias de pesquisa, complementados pelos registros fotográficos obtidos em campo e as pesquisas bibliográficas que antecedem as visitas à aldeia.

A pesquisa da história oral consiste em uma prática de apreensão de narrativas de forma a aproximar o valor de fontes orais e escritas e valorizar a memória e a oralidade dos participantes como fonte de dados para as análises. Foi realizada utilizando instrumentos eletrônicos de gravação, destinada a recolher testemunhos e promover reflexões acerca de processos sociais e construções espaciais.

Enquanto técnica, exige uma sequência de procedimentos, conforme destaca Meihy (1996) em seu livro *Manual de História Oral*: o primeiro passo é a elaboração de um projeto, para que se tenha clareza do que se quer pesquisar e os relatos não se transformem em histórias nostálgicas apenas. Em segundo lugar, sugere-se a escolha dos atores que irão contribuir na pesquisa, definidos com base naquilo que se quer descobrir. Por fim realizaram-se as transcrições e análises dos relatos.

Para este estudo, foi elaborado um projeto inicial, apresentado para as lideranças da comunidade que autorizaram o desenvolvimento da pesquisa, e que na sequência também foi submetido e aprovado pelo comitê de ética. Posteriormente, foram obtidos relatos de história oral de cinco anciãos da comunidade que falaram sobre seu território tradicional, sobre a aldeia contemporânea e aspectos espaciais e sociais que influenciam a transformação da cultura e por consequência das identidades indígenas construídas na atualidade. Os relatos foram transcritos e os dados analisados em relação aos lugares e práticas observados em campo. Com o objetivo de preservar o anonimato dos anciãos que colaboraram com a pesquisa a identificação das falas será realizada com a sigla conforme o exemplo: R-01, na qual a letra R define que a informação tem fonte no relato de história oral e o número identifica o participante da pesquisa.

O outro procedimento adotado foi a observação participante, que objetiva colocar o pesquisador e colaboradores do mesmo lado de forma que possam compartilhar práticas cotidianas e interagir mais livremente. Vale destacar que esta técnica só é possível quando o pesquisador conquista a confiança do grupo. No caso da pesquisa com grupos indígenas, que sofreram com contínuos processos de exploração e violência, foi necessário respeitar o tempo da comunidade para a realização da pesquisa, fazendo com que o estudo se construísse ao longo de anos de interação.

O convívio mais intenso ocorreu nos períodos de preparação para a semana cultural e durante sua realização, sempre no mês de abril. Nessa oportunidade, foi possível acompanhar do preparo de comidas tradicionais, do artesanato, assistir danças e apresentações culturais e participar de inúmeras rodas de chimarrão, das quais emergiram as principais descobertas sobre as relações humanas no interior da comunidade e a importância de lugares específicos para construção cultural da mesma.

A escolha das estratégias de pesquisa adotadas, que compreendem as observações associadas aos relatos de história oral dos anciãos, além de valorizar o papel dos idosos

como sábios da comunidade, afirmam seu protagonismo e autonomia. Evidencia-se que a memória espacial dos próprios indígenas constitui o recurso fundamental para construir as referências culturais no presente e para o futuro.

Cultura, memória e identidade espacial

Compreende-se cultura como um sistema complexo aprendido, no qual qualquer pré-disposição genética ou geográfica é superada pelas práticas vivenciadas e observadas cotidianamente (DILL, 2019). Percebe-se a cultura como um potencial instrumento de identificação coletiva, onde o modo de viver de um grupo estabelece fronteiras com outros modos de viver e essas interações produzem materialmente o espaço físico, reflexo e identidade do contexto cultural ao qual pertencem.

Este caráter de identificação coletiva ligado à cultura faz com que a questão da identidade seja extensamente discutida, tanto na arquitetura e no urbanismo quanto na teoria social. Alguns arquitetos como Amos Rapoport (2005) e Simon Unwin (2013) entre outros, questionam e discutem o quanto os produtos arquitetônicos e urbanísticos carregam uma identidade, que está, ou deveria estar intimamente ligada a de seus usuários, revelando o contexto cultural em que se encontram.

Quando se fala sobre identidades culturais, autores como Stuart Hall (2005), Adan Kuper (2002), Zygmunt Bauman (2005) e Tomaz Tadeu da Silva (2000), por exemplo, discutem seu conceito, e relacionam identidade e diferença na contemporaneidade. Ao pensar a identidade em termos de sociedades tradicionais, Antony Giddens (2002), destaca que estas têm veneração pelo passado, onde os símbolos são valorizados por conterem experiências de gerações e a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço. Dessa forma, a identidade de um povo está diretamente ligada à sua construção histórica. Percebe-se que a categoria tempo constitui a identidade e produz um parâmetro para que se possa olhar de onde vêm os principais aspectos de identificação, sejam eles individuais ou coletivos.

Nesse contexto, a memória apresenta-se como categoria fundamental, pois “[...] age tecendo fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos” (SEIXAS, 2001, p. 51). É responsável por reencontrar o passado no presente, fazendo com que a percepção da própria realidade seja influenciada pela memória, possibilitando a atualização das lembranças a partir das práticas.

Ao trabalhar com inúmeras dimensões da memória, Seixas (2001) destaca que é possível abordar o que chama de “memória fora de nós”, “[...] inscrita nos objetos, nos espaços, nas paisagens, nos odores, nas imagens, nos monumentos, nos arquivos, nas comemorações, nos artefatos e nos lugares mais variados [...]” (SEIXAS, 2001, p. 52). Essa possibilidade converge com o objeto de estudo desta pesquisa e reafirma a importância da história oral no sentido de registrar uma memória espacial dos colaboradores, que contribui para a compreensão da identidade dos mesmos e dos lugares que ocupam.

Na construção desses significados nasce a identidade do lugar. Em arquitetura e urbanismo, a identidade de lugar é definida como uma subestrutura da identidade pessoal que incorpora as cognições sobre o mundo em que os indivíduos vivem, contemplando as memórias, ideias, relações sociais, sentimentos, atitudes, valores e preferências acerca dos diversos ambientes em que estão inseridos (PROSHANSKY, 1983).

A atribuição de valor aos espaços pelos grupos que os ocupam, pode ser captada

através da memória e da oralidade, que caracteriza a articulação entre diversos marcos temporais. As experiências vivenciadas ficam marcadas na história das pessoas e rememorando-as identificam os lugares, que a abraçaram em algum momento a sua existência. Conforme Elali e Medeiros (2011), o apego ou vínculo com o lugar é um conceito complexo e multifacetado e seu estudo exige atenção às características físico-espaciais do local e os significados simbólico-afetivos a eles associados pelos indivíduos ou grupos. O afeto pode ser definido como um regime de variação que acontece à medida que vamos experienciando objetos, espaços, acontecimentos e ideias (DELEUZE, 1978).

O espaço não é primitivamente uma ordem entre as coisas, é antes uma qualidade das coisas em relação as pessoas, e nessa relação é grande o papel da afetividade, da pertença, do aproximar ou do evitar, da proximidade ou do afastamento (WALLON, 1979). Assim, ao interagir com os espaços, práticas humanas são encorajadas ou inibidas:

No momento em que o sujeito passa por uma alteração (do corpo, da mente), essa vivência desencadeia uma alteração da sua potência de pensar e agir e se reflete diante dos objetos encontrados. A partir deste encontro o corpo do sujeito emerge um sentimento que influenciará na potência de agir e de pensar do mesmo (BEHLING, RIBEIRO, 2018, p. 455-456).

A relação de interdependência entre ambiente e comportamento humano, torna fundamental o estudo de determinados espaços na aldeia e o que eles significam para seus usuários sob a ótica do behavior setting. Este conceito trabalha com unidades ecocomportamentais que correspondem a padrões estáveis de comportamento que ocorrem em tempo e espaço determinados (PINHEIRO, 2011), assim, contempla não só a análise de uma porção do território, mas um conjunto de interações em um lugar (BARKER, 1986). Um behavior setting não é um local específico, e sim um conjunto de relações entre o ambiente e seus usuários (ELALI, 2006).

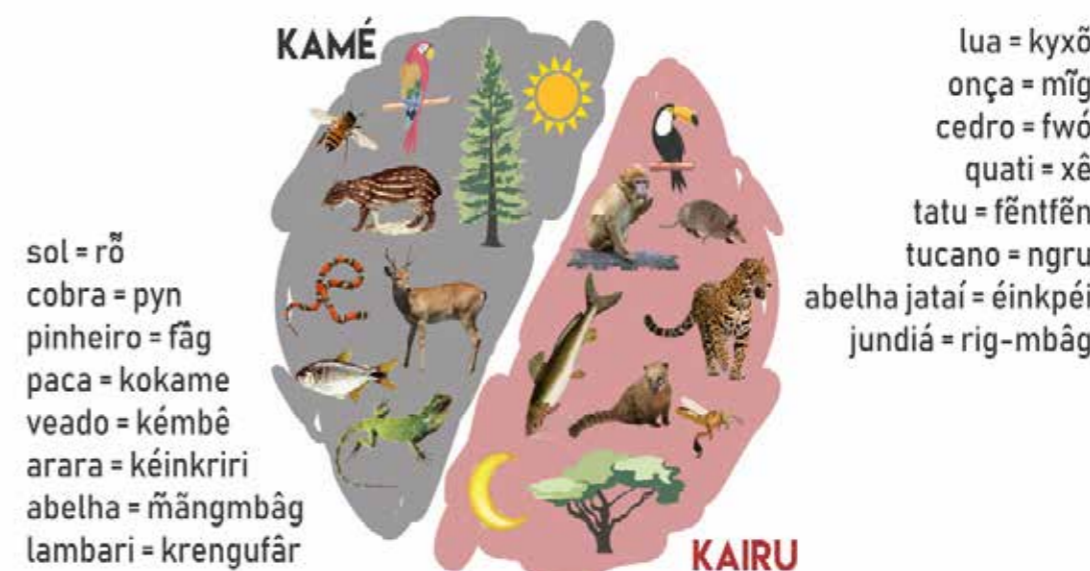
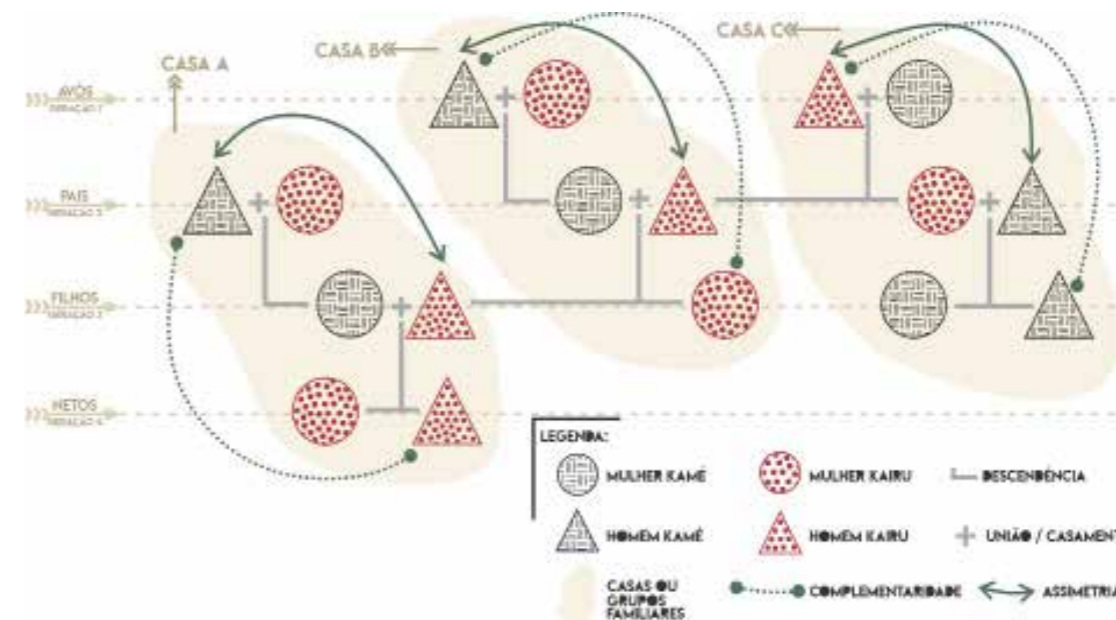
Constituem um behavior setting:

- Limite físico: envoltório físico e localização geográfica;
- limite temporal: tempo de duração;
- componentes humanos: pessoas exercendo funções e/ou realizando atividades (inclusive hierarquia e posições número máximo/mínimo de envolvidos);
- componentes não-humanos: móveis, equipamentos, características do local (materiais, acabamentos, condições de manutenção, etc.);
- programa: sequência das ações na ordem em que ocorrem (ELALI, 2006, p.166).

De acordo com a análise dos lugares e das atividades realizadas seguindo o conceito apresentado, alguns behavior settings se destacaram na aldeia devido a interação com os anciãos, foco deste estudo. Através da simples observação das imagens apresentadas a seguir é possível perceber configurações espaciais e comportamentos humanos diferenciados, evidenciando a importância de considerar as relações pessoa-ambiente nas atividades dos projetistas, haja vista o potencial de encorajamento de ações culturais em determinados espaços.

Cultura Kaingang e Aldeia Kondá

Os indígenas pertencentes ao Povo Kaingang se organizam a partir de uma lógica social



dualista, patrilinear, exogâmica e matrilocal. Isto é, existem dois grupos de linhagens de parentesco (Kaimé e Kairu), transmitidas pelo pai aos descendentes, onde as alianças matrimoniais sempre se dão entre indivíduos pertencentes às metades opostas e após o casamento, o noivo vai morar com os pais da noiva (DILL, 2019). Esta organização espacial das moradias Kaingang em função das uniões matrimoniais é ilustrada da Figura 1.

No mito de origem do povo registrado por Telêmaco Borba (1908) encontra-se uma versão resumida da cosmologia dualista Kaingang. Neste mito os heróis culturais Kamé e Kairu produzem não apenas as divisões entre os homens, mas também a divisão entre os seres da natureza. Desta forma, segundo a tradição Kaingang descrita na bibliografia e confirmada pelos relatos de história oral contemporâneos, o Sol é Kamé e a Lua é Kairu, o pinheiro é Kamé e o cedro é Kairu, o lagarto é Kamé e o macaco é Kairu, conforme ilustra a Figura 2.

A terra é muito mais do que simples meio de subsistência, representa o suporte para a vida social (TOMMASINO, 2000), provedora de tudo que é necessário para a existência e abrigo de animais, plantas e espíritos. A ligação desse povo com a terra faz com que as disputas territoriais e a forma como foram arrancados de seu território tradicional ao

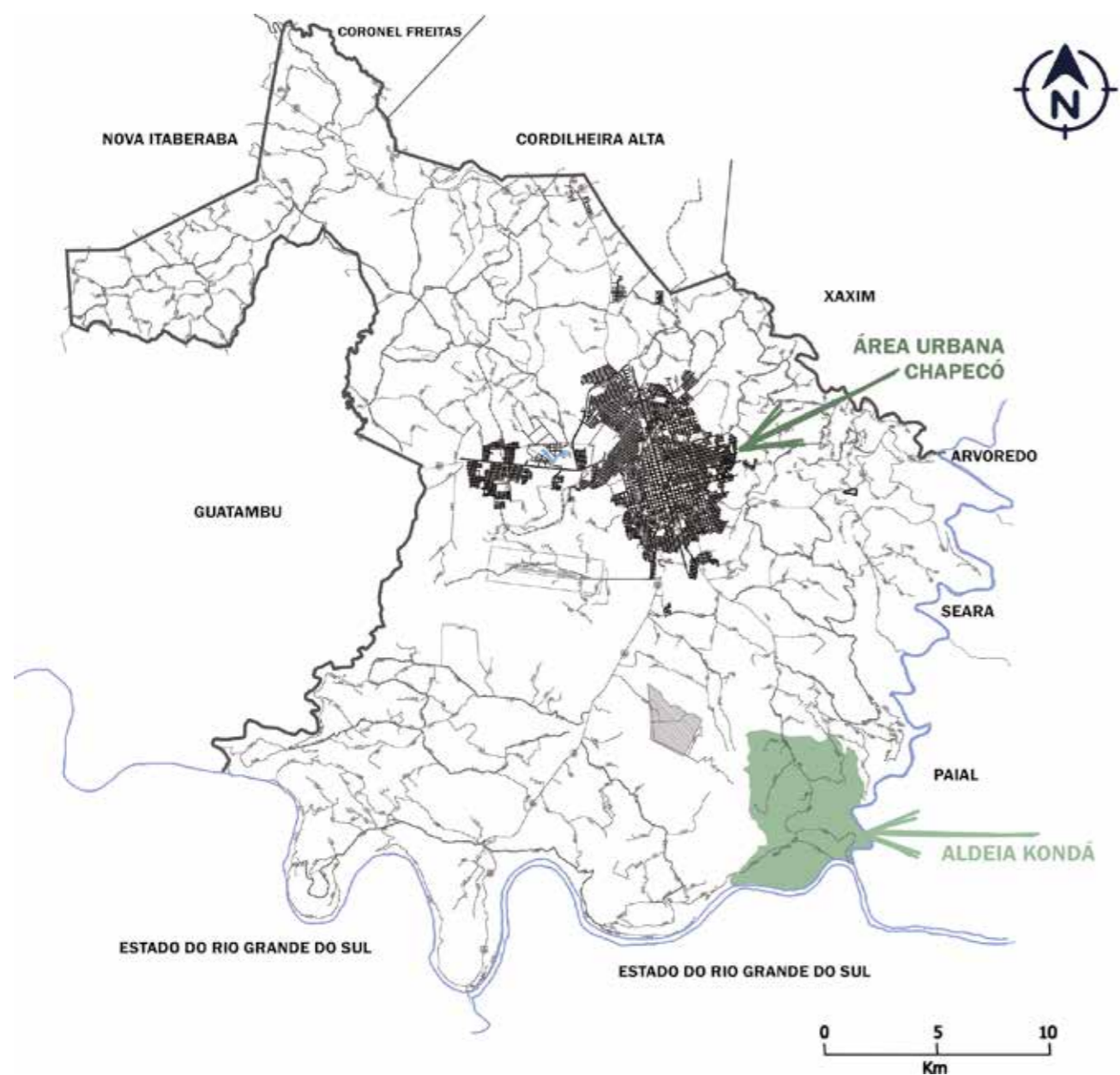
Figura 1 - Organização das residências e formação dos grupos familiares Kaingang. Fonte: DILL, 2019.

Figura 2 - Divisão dos seres da natureza Kamé e Kairu. Fonte: DILL, 2019.

Figura 3 - Localização da Aldeia Kondá no Bairro Palmítal - Chapecó. Fonte: Adaptado de TOMMASINO, 1999.



Figura 4 - Localização da Aldeia atualmente. Fonte: Elaboração própria.



longo do tempo, deixou marcas na memória dos anciãos refletidas até hoje.

O povo indígena que constitui atualmente a Aldeia Kondá, habitava o espaço que compreende atualmente ao município de Chapecó, desde antes do seu processo de urbanização. Na medida em que a cidade avançou, os indígenas tiveram seu território reduzido e foram “enclausurados”, restritos a apenas um quarteirão em um bairro próximo ao centro urbano, conforme ilustra a Figura 3. Viviam em situação de extrema pobreza, sem acesso ao saneamento básico, educação e sofrendo com contínuas ações de desrespeito e preconceito por parte da comunidade não indígena do entorno (TOMMASINO, 1999).

No final da década de 1990, como uma estratégia de invisibilização dos indígenas na cidade, e com a prerrogativa de oferecer para esta comunidade condições mais adequadas de subsistência, os indígenas participaram da eleição para uma nova área. Resultado da negociação com a Prefeitura municipal, em 1999, a comunidade foi deslocada para um espaço localizado a mais de vinte quilômetros do centro da cidade, onde vivem atualmente (Figura 4).

A comunidade da Aldeia Kondá, apesar de ter sido retirada de sua terra de origem, é tida pelos demais grupos Kaingang do estado como a mais tradicional em termos de práticas culturais. Todos os seus integrantes são falantes na língua materna, seguem os costumes na constituição das uniões matrimoniais e moradias, além de terem como principal meio de subsistência, o artesanato.

Passados mais de vinte anos da ocupação no novo território, a comunidade vem construindo novos laços e relações com essa terra. A localização das casas, a construção de espaços culturais e a organização espacial, vêm se transformando ininterruptamente e configuram na atualidade, um aspecto de diferenciação cultural em relação as sociedades envolventes. Apenas como exemplo dessa maneira específica de organizar o território, a Figura 5 ilustra o posicionamento das casas seguindo a lógica dos grupos familiares.

Além da não demarcação de lotes, que evidencia a lógica comunitária da sociedade indígena, é perceptível a relação de proximidade com a natureza, o posicionamento das residências a partir das relações de parentesco e a orientação das aberturas, muito mais relacionadas com o núcleo do grupo familiar do que com a rua, como observa-se na cidade não indígena.

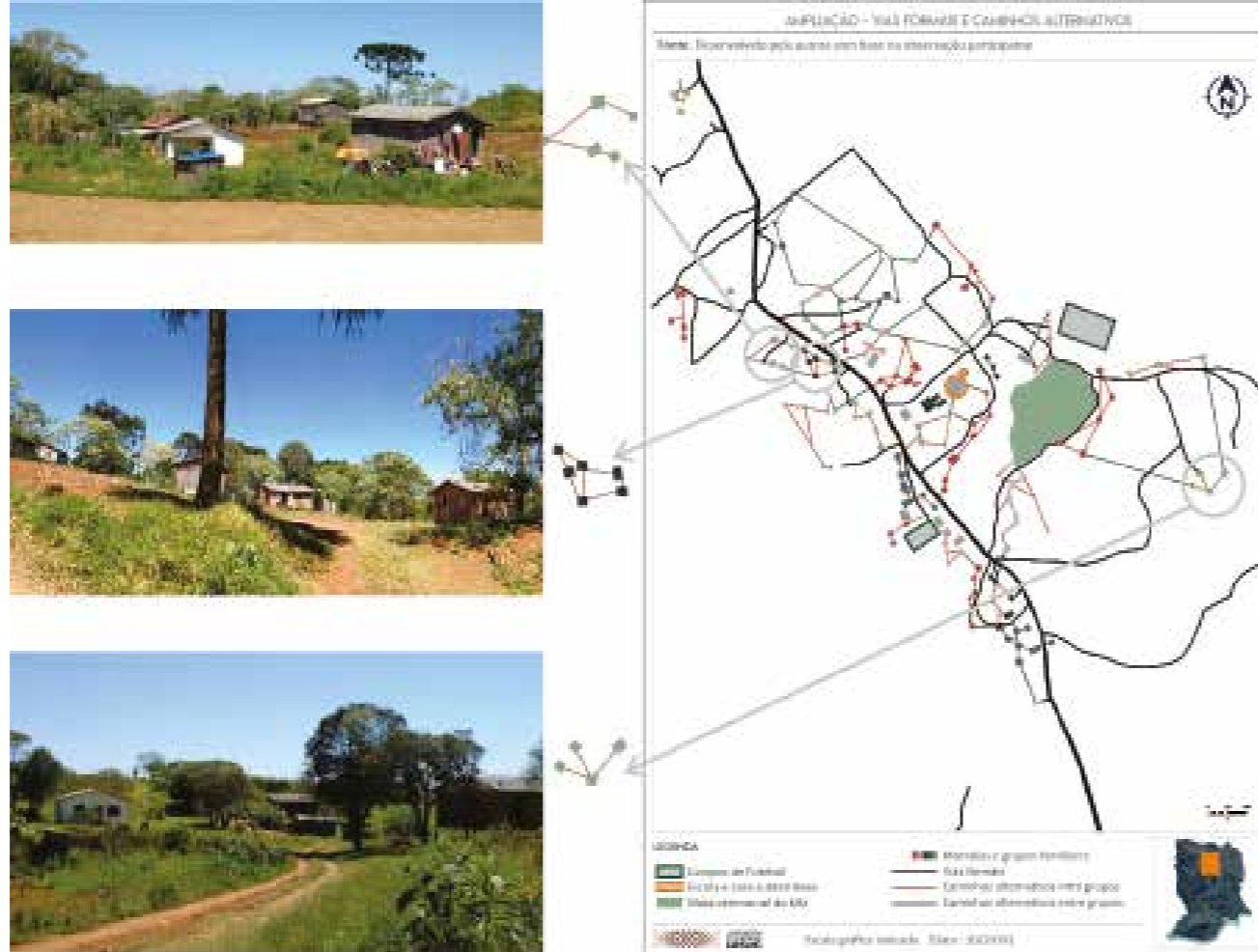
A memória Kaingang: entre a terra dos avós e a aldeia contemporânea

Os relatos de história oral apontaram para alguns elementos fundamentais para se pensar a cultura Kaingang na atualidade: as marcas tribais, o distanciamento da terra dos avós, e a possibilidade de espaços tradicionais aproximarem as novas gerações da cultura. Por outro lado, revelaram preocupações dos anciãos quanto a manutenção do modo de viver tradicional e ressignificações culturais construídas a partir do contato com os não indígenas.

Os anciãos da comunidade destacam a importância da preservação das marcas tribais:

“Pra nós é muito importante as crianças saberem e respeitarem as nossas marcas, porque os Kaingang vivem assim, de acordo com as marcas. Pra casar, precisa saber se a noiva tem marca comprida, o noivo tem que ter a marca redonda, aí sai um casamento bom. Se as marcas são iguais, não pode casar” (R-01).

Figura 5 - Localização dos grupos familiares na Aldeia Kondá. Fonte: DILL, 2019.



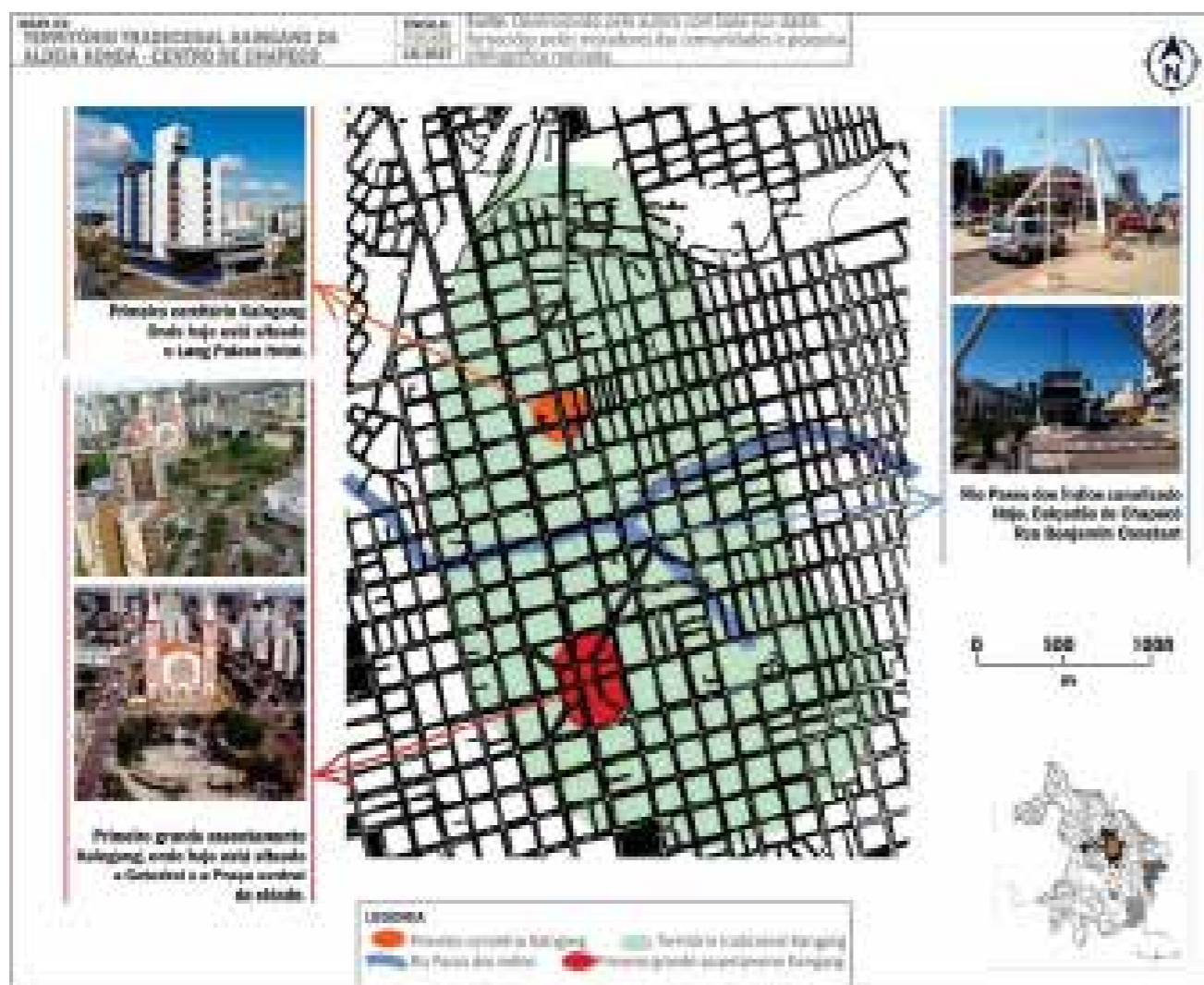
As marcas regem todas as relações na comunidade, desde as conjugais até as estabelecidas entre o mundo humano e não humano, revelando o sentido de complementaridade entre as metades e entre pessoas e natureza.

Outro aspecto relevante é o respeito ao território tradicional. Uma anciã explica que é tradição entre os Kaingang, “enterrar o umbigo da criança recém-nascida, plantando sua raiz naquele lugar” estabelecendo o vínculo físico e espiritual com a terra. Por isso o território tradicional é também chamado de terra dos avós, com o qual seus antepassados estabeleceram profundos vínculos.

Os relatos apontam para o centro do município de Chapecó como a terra dos avós da comunidade da Aldeia Kondá. Observa-se na Figura 6, o centro da cidade, em 2018, como Território original Kaingang. O Rio Passo dos Índios constituía um lugar sagrado para comunidade e hoje é canalizado, dando lugar ao calçadão da Rua Benjamin Constant. O primeiro grande assentamento, em frente à igreja matriz, atual Praça Coronel Ernesto Bertaso e o Cemitério Kaingang, onde estão enterrados caciques e antigas lideranças, hoje um importante Hotel da cidade.

Os indígenas continuam frequentando o centro da cidade para a venda do artesanato e permanecem vinculados com seu território. No entanto, sentem-se “estrangeiros na própria terra”, sofrendo com preconceito e não reconhecimento de sua terra mãe pela comunidade envolvente. Esse contexto implica também em um sentimento de não pertencimento em relação à terra conquistada pela comunidade, local onde se situa a aldeia atualmente.

Figura 6 - Mapa da cidade de Chapecó com localização dos pontos de identificação cultural. Fonte: DILL, 2019.



“sabemos que pelo menos temos uma terra, mas essa terra não é nossa. Se aqui tinha dono antes da gente vir morar, a cidade também tem dono, lá é que estão enterrados nossos velhos, lá tinha nossa água santa, os pinheirais, as nossas comidas... aqui, a gente tá tendo que criar o mato de novo, por que essa terra, quando chegamos era seca, nua, sem vida, não é terra de índio”(R-02).

A organização espacial e as características do lugar ocupado pela comunidade desde a demarcação da terra revelam mudanças, permanências e ressignificações culturais a partir das relações que os indígenas estabelecem com o novo território.

A organização espacial da comunidade da Aldeia Kondá continua seguindo a lógica tradicional matrilocal, no entanto podem ser observadas construções em madeira, alvenaria e alguns barracos que misturam diversos tipos de material. A forma observada das casas e a utilização dos materiais citados manifestam a influência da arquitetura não indígena envolvente. Os anciãos lembram com afeto as moradas construídas com técnicas tradicionais:

“Quando o meu pai construía as casas pra gente morar, ele fazia elas com taquara, assim, bem amarradinha e depois cobria com folha de palmeira, e sempre era do lado de um morro e um pouco enterrada do chão. No inverno ela ficava quente e no verão, bem fresquinha...”

O conhecimento tradicional e a valorização da memória espacial dos anciãos pela comunidade motivaram a construção de uma estrutura subterrânea ao lado da Escola

Figura 7 - Casa subterrânea – Aldeia Kondá. Fonte: Acervo pessoal. Figura 8 - Semana cultural– Aldeia Kondá. Fonte: Acervo pessoal.



Sãpe ty kó³. O espaço (Figura 7) tem sido utilizado como sala de aula e é visitado por crianças e adultos não indígenas que desejam conhecer a comunidade e estimula a presença dos anciãos nas atividades da escola. A partir do momento que foi construído um espaço de acolhimento para contar e ouvir histórias, valorizando o saber fazer tradicional, este lugar tornou-se um convite para estas práticas intergeracionais tradicionais.

Esse lugar envolve dimensões que vão além de sua materialidade, congrega significados de valorização do saber fazer tradicional, dos lugares de encontro e da sabedoria dos “velhos⁴” na cultura Kaingang. Tanto a contação de histórias realizada pelos anciãos da comunidade nesse espaço, quanto as palestras oferecidas por eles para crianças não indígenas são *behavior settings* identificados, conforme Quadro 1 a seguir:

³ A escola indígena de educação básica é mantida pelo governo do estado de Santa Catarina e atende exclusivamente crianças moradoras da Aldeia. Apesar de a direção ser não indígena, os professores são pertencentes ao Povo Kaingang e a educação é bilíngue.

⁴ “Velhos” é a denominação que os próprios indígenas utilizam para falar dos anciãos da comunidade. Representa internamente uma denominação carinhosa para referirem-se aos sábios, muito valorizados e respeitados de acordo costumes e com o modo de viver Kaingang.

Elementos do <i>behavior settings</i>	
01: Contação de histórias	
Limite físico	Casa semi subterrânea.
Limite temporal	Dia e horário da atividade de contação de histórias. No caso observado, das 10h às 11:30h da manhã, durante o horário da aula.
Componentes humanos	Ancião da comunidade, professor indígena e quinze crianças residentes na Aldeia Kondá.
Componentes não humanos	Fogo de chão, cobertura de palha, paredes com terra aparente, troncos de arvore que funcionavam como bancos.
Programa	O professor levou os alunos até a estrutura semi subterrânea, os estudantes sentaram-se em círculo, em torno do fogo de chão e o ancião contou histórias sobre os mitos de origem do povo Kaingang, lendas relacionadas à cosmologia e a história da Aldeia Kondá.
02: Palestras da semana cultural	
Limite físico	Casa semi subterrânea.
Limite temporal	Semana cultural Kaingang, dia 18 de abril de 2019, das 14h às 14:30h.
Componentes humanos	Professor indígena Kaingang, professora não indígena e doze crianças não indígenas de uma escola particular do município.
Componentes não humanos	Estrutura escavada, cobertura de palha, paredes com terra aparente, troncos de arvore que funcionavam como bancos.
Programa	As crianças não indígenas sentam em círculo e o professor indígena conversa com o grupo sobre as diferenças nos modos de viver, o respeito a diversidade de culturas e a história do município de Chapecó a partir da memória dos anciãos Kaingang.

Quadro 1 - Behavior Settings 1 e 2. Fonte: Elaboração própria.

A própria semana cultural realizada na escola também foi identificada como sendo outro behavior setting, que surge a partir da participação ativa dos anciãos nas práticas culturais da comunidade, conforme ilustra a Figura 8.

Por ocasião desse evento, são construídas estruturas adicionais na parte exterior da escola, utilizadas para compartilhar os ensinamentos sobre a fabricação do artesanato, fazer benzimentos, realizar pinturas corporais e expor os diversos aspectos da cultura Kaingang para os visitantes não indígenas. O Quadro 2 caracteriza esse evento de acordo com os elementos do *behavior setting*:

Limite físico	Escola indígena
Limite temporal	Semana de 15 a 20 de abril de 2019.
Componentes humanos	Ancião da comunidade, professores indígena, crianças indígenas e visitantes não indígenas.
Componentes não humanos	Fogo de chão, coberturas de palha, estruturas complementares, pátio da escola, bancos de troncos de madeira, artefatos indígenas.
Programa	Exposição, fabricação e venda de artesanatos, experimentação de comidas tradicionais, apresentações artísticas e rodas de conversa.

Entende-se ainda que este evento poderia ser subdividido em outros *behavior settings*, no entanto, ao abordar a presença dos anciãos na escola e a valorização dos idosos na vida social da comunidade, optou-se por abordar este evento de maneira geral, integrando-os em todos os processos e espaços envolvidos em sua realização.

Entende-se, que apesar da memória dos anciãos fazer emergir um contexto de práticas tradicionais, com mais ênfase no resgate do passado, os mesmos percebem que a comunidade está em permanentes transformações. O que se percebe, é que existe uma consciência coletiva construída e o respeito mútuo entre as aspirações dos mais jovens, por acessos às tecnologias e produtos disponíveis na sociedade não indígenas e as tradições Kaingang cultivadas no interior da Aldeia principalmente graças aos conhecimentos dos anciãos.

As comunidades estão em permanente processo de reavaliação de suas práticas internas e das relações com as sociedades envolventes, em uma tentativa constante de conseguir o equilíbrio entre essa transmutação inevitável e o respeito pelas suas raízes, como foi visto durante as festividades.

Considerações finais

A escuta e valorização da sabedoria tradicional reflete o impacto dos lugares na construção da história de um povo. O que se pode evidenciar com a pesquisa é que, na contramão da homogeneização cultural, a comunidade indígena estudada luta pela valorização da cultura e pelo direito de viver de um modo específico, diferente dos padrões impostos pela sociedade não indígena que os envolve. Para isso criam e transformam espaços, conferindo a estes um sentido de lugar fundamentado nas interações sociais e nos vínculos emocionais que são capazes de construir.

A possibilidade de ouvir os anciãos da comunidade e observar seu envolvimento do cotidiano da aldeia, evidencia a valorização da sabedoria anciã, da oralidade e da memória espacial dos idosos. Essas práticas destacam o respeito ao processo de envelhecimento, uma vez que as memórias são testemunhas das transformações

culturais e espaciais ocorridas e constituem-se como ferramentas necessárias para se pensar uma possível continuidade cultural.

Complementarmente, o olhar lançado sobre os aspectos ecocomportamentais evidenciados nos behavior settings, aponta para a importância contextual das práticas humanas e para a influência do ambiente físico em que o comportamento ocorre. Nesse sentido, para além do resgate da tradição pela oralidade, os espaços construídos nas comunidades recriam roteiros/programas de práticas humanas em determinado tempo e espaço.

Os behavior settings estabelecidos tem limites espaciais e temporais específicos que circunscrevem o comportamento de seus integrantes (PINHEIRO, 2011). Assim, ao relacionar as pessoas, seus comportamentos e os espaços nos quais eles ocorrem, acabam por condicionar determinadas ações em lugares específicos, incentivando neste caso a manutenção e a valorização de práticas culturais tradicionais em função do contexto construído e das pessoas envolvidas.

Evidencia-se ainda que a manutenção das redes sociais dos idosos indígenas faz com que estes desempenhem um papel ativo e significativo na comunidade apesar do processo de adaptação no novo território. Nesse sentido, salienta-se a importância de espaços que possibilitem determinadas práticas culturais tradicionais, pois propiciam a identificação desses sujeitos no tempo e no espaço onde vivem de maneira a construir no presente, vínculos que podem reforçar bases culturais para o futuro.

Ressalta-se ainda a importância de mais pesquisas sobre os cotidianos indígenas contemporâneos no Brasil, para que se possa cada vez mais ampliar os conhecimentos a respeito de suas dinâmicas socioespaciais, registrar as práticas culturais e estabelecer uma relação de reciprocidade e de construção mútua de saberes entre sociedades indígenas e não indígenas.

Referências

- BARKER, R.G. *Ecological Psychology: Concepts and Methods for Study the Environment of Human Behavior*. Stanford, Cal.: Santanforrd University Press, 1968.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BEHLING, Milena; RIBEIRO, Diego Lemos. *Construindo um patrimônio afetivo*. In: *Memória & Patrimônio – temas e debates [recurso eletrônico]*. KNACK, Eduardo R. Jordão; FERREIRA, Maria Letícia M. e POLONI, Rita Juliana S. (orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- BORBA, T. *Atualidade indígena*. Curitiba: Typ e Lytoga a Vapor impressora Paranaense. 1908.
- DELEUZE, G. (1978). *Aula sobre Espinosa*. Recuperado em 22 mar. 2012: <http://www.webdeleuze.com>.
- DILL, Fernanda Machado. *Linguagem Sociospacial: A dimensão espacial do modo de viver Kaingang*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Dezembro de 2019.
- ELALI, Gleice Azambuja. *Uma contribuição da psicologia ambiental à discussão de aspectos comportamentais da avaliação pós-ocupação*. Pós. Revista do Programa de

Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 20, p. 158-169, 2006.
ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. *Apego ao Lugar*. In: S. CAVALCANTI, & G. A. ELALI, Temas básicos da Psicologia Ambiental (pp. 53-62). Petrópolis: Vozes, 2011.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, S. *Quem precisa de Identidade?* In: T. T. SILVA, *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 103-133). Petrópolis: Vozes, 2005.

KUPER, A. *“Cultura, diferença, identidade”*. In: A. KUPER, *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros (pp. pp.287-318.). Bauru: EDUSC, 2002.

MEIHY, J. C. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PINHEIRO, J.Q. *Behavior setting*. In Sylvia Cavalcanti & Gleice A. Elali. (Org.). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*, 1ed. Petrópolis: Vozes, 2011, v.1, p. 83-97.

PROSHANSKY, H. M. et al. (Orgs.). *Environmental psychology*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1970.

RAPOPORT, A. *Culture, architecture, and design*. Locke science publishing Company, 2005.

RHEINGANTZ, P. A. *Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para o trabalho de campo*. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ, 2009.

SEIXAS, J. A. *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais*. Em: S. BRESCIANI, & M. NAXARA. *Memória e (Res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível* (pp. 37-58). Campinas: Unicamp, 2001.

SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TOMMASINO, K. *Relatório II: Eleição de área para os Kaingang da Aldeia Kondá*. Chapecó: FUNAI, 1999.

TOMMASINO, K. *Algumas considerações acerca das exposições proferidas pelos representantes dos povos indígenas no Simpósio “As cidades e os povos indígenas: Mitologias e Visões*. Em: L. T. MOTA. *As cidades e os povos indígenas: Mitologias e Visões*. Maringá: EDUEM. 2000.

TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

UNWIN, S. *A análise da arquitetura*. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

WALLON, H. *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Difel, 1979.